**A importância da arte na construção de identidade**

Francisca de Kassia Carvalho Silva

 Discente do curso de Pedagogia (UFT)

Kassia\_carvalho2012@hotmial.com

**Resumo**

O objetivo do trabalho é evidenciar valor que todos os segmentos culturais têm selecionando para isso chamar a atenção para seus respectivos segmentos de artes como dimensão tão importante quanto o todo complexo cultural, pondo que a escola moderna está em grande dívida com as próprias histórias do mundo uma vez que desconhece ignoram solenemente as contribuições de vários povos que contribuíram e contribuem ativamente para chegarmos a ser o que somos e para tornar o mundo o que ele é hoje. Para tanto colocamos em destaque as culturas e as artes indígenas como elemento que ajuda a pensar a construção indenitária no contexto educacional como um todo, tendo estas realizado (e ainda realizam) grandes contribuições para/na formação histórico-social brasileira. Constatação que se choca com o fato de a temática ter sido assegurada a obrigatoriedade no currículo apenas recentemente com a promulgação da lei 11. 645, de 10 de março de 2008, que versa em seu “Art. 26-A. § 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.”

**Palavras-chave:** Cultura; Arte Indígena; Educação; identidade

**Resumo**

The aim of the work is to evidence value that all cultural segments selected for this draw attention to their respective arts segments as important size for the whole cultural complex, putting that modern school is in great debt to the S Historys of the world as it unfamiliarly ignores solemnly as contributions from various peoples who contribute and actively contribute to the consumers in a being who they are and to make the world what it is today as an element that helps to think about the construction not educational context as a whole, having realized (and still realize) great contributions to / in the Brazilian historical-social formation. This finding is shocked by the fact that a thematic has been ensured not only a curriculum obligatory with a promulgation of the law 11,645, dated March 10, 2008, which deals with its "Article 26-A. Related to Afro-Brazilian history and culture and Brazilian indigenous peoples are taught throughout the school curriculum, especially in the areas of arts education and Brazilian literature and history. "(NR)

**Keywords:** Culture; Indigenous Art; Education; identity

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho faz um pequeno *tour* por conceitos de cultura nas sociedades em que vivemos, acompanhando suas transformações enquanto dosa o texto com críticas pertinentes à escola moderna, no que se refere ao ensino de arte, tem privilegiado o segmento, dito, erudito em detrimento de outros tão ricos quanto este. O trabalho da ênfase à arte indígena; busco assim descrever e analisar um apanhado de como é vista a arte para os indígenas e como esse conteúdo é ministrado nas escolas indígenas. Evidenciando assim quais as dificuldades percebidas em ser implantada nesse ambiente, bem como foi posta essa temática no currículo em si.

Tendo a ciência de que a arte de um grupo só pode ser compreendida em sua totalidade se analisada dentro ou a partir de seu contexto cultural específico, temos uma pequena noção do quão parcial tem sido nosso conhecimento acerca do mundo, pois o sistema educacional de certa forma renega ou rejeita muitos segmentos de arte e o fazendo priva alunos e alunas desses outros conhecimentos. Um exemplo bastante contundente, no que refere à privação de acesso a outros conhecimentos e saberes é o tratamento dado às culturas indígenas no nosso país, e de forma bem mais próxima é a que diz respeito a um povo tão importante para a formação histórica do estado do Tocantins que são os Apinajé, a quem viramos as costas. Nesse sentido, ignorando quase que totalmente sua história e suas contribuições de suma importância para o que somos hoje revela que, mesmo com a instituição do ensino de arte no Brasil, ainda assim, trabalhar com outras perspectivas, gera debates bastante polêmicos.

Para analisarmos a arte indígena de povos tão diversos em conhecimentos, precisaremos abandonar os padrões artísticos ocidentais e tentar ao máximo ver esta arte através da lente como afirma Ruth Benedict apud (LARAIA [200-] p. 01) em seu livro O crisântemo e a espada que “a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo”. Os nativo não veem o mundo tal como é, e sim através das concepções do grupo em que vivem, pois desde de que vem ao mundo eles já o encontram como tal e se adaptam de forma natural a ele, incorporando seus códigos e agindo assim, conforme manada a tradição, captando de forma mais próximas suas nuances.

Pois, como sabemos, a arte (entre outras coisas) expressa a identidade cultural de um povo, suas raízes, valores, história. De modo que, para a maioria dos povos indígenas conhecidos ela se combina de maneira quase inseparável do resto da vida social, pois a arte está presente e organiza o dia a dia das aldeias e comunidades, e é passada de geração a geração por mediação tanto dos mais velhos (anciãos e anciãs), como acontecia tradicionalmente, quanto, mais recentemente, através dos professores por meio da educação escolar indígena. Sendo assim aprender arte para eles não é só conhecimento em si, mas remete à sua cosmologia, ou seja, conjunto de significados das coisas para o grupo.

**DESENVOLVIMENTO**

As manifestações artísticas indígenas são vistas pelos não-indígenas como um meio para transmitir conhecimentos das gerações mais velhas para as gerações mais novas. Portanto ela desperta a criatividade, como também as formações psíquicas superiores, como atenção, memória e várias outras habilidades e assim favorece o ensino nas escolas indígenas. Mas o ensino da temática da cultura indígena juntamente com a africana e afro-brasileira só foi posta no currículo, segundo o artigo de (Silva e Olive [200-] p. 01) com as recentes leis 11. 645, de 10 de março de 2008, e 10639 de 2009 que alteram a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB).

Como sabemos, é de notória importância o ensino da arte para o desenvolvimento do ser humano, para os povos indígenas há de se enfatizar que, por ser rica e diversa, se apresentando sob várias linguagens, e por fazer parte do dia-a-dia da comunidade e da convivência entre as crianças. Assim, a arte se apresenta como forma de expressar algo que se está sentindo, uma produção feita, como um artesanato ou apenas rabiscos desde que tenha sentido para quem está produzindo, e é assim tanto para indígenas quanto para não-indígenas.

Deste modo, os povos indígenas que fazem seus artesanatos e suas pinturas corporais que são expressões artísticas com um significado diferente e assim transmitindo o conhecimento tradicional de sua cultura, mas com o seu valor próprio e seu significado ao longo do tempo.

Como a Arte é toda forma possível de expressar vida, o coletivo, o trabalho, os sentimentos, as emoções, tristezas, alegrias...Isso demonstra que as culturas têm a capacidade de humanizar o ambiente habitado e tudo que o tocam, criando formas cada vez mais diversificadas de atender suas necessidades de vida. Em cada período da história arte vem retratando por meio da música, da escultura, do teatro, da dança e das obras visuais os conhecimentos do cotidiano. (Menezes, Bernardino, Chaves e Faustino, 2013 p. 95)

 Por fazer parte da vida de todos os grupos humanos e trazer consigo toda a beleza e expressividade destes grupos, podemos perceber que a arte não é algo natural e sim desenvolvida e aprendida de diversas formas, através de várias técnicas e ao longo da história social do grupo. De modo que, para as crianças, desenvolverem uma compreensão, apreciação e mesmo o prazer em fazer arte, elas têm que ser estimuladas por pessoas adultas, ou seja, por pessoas que já internalizaram - no processo de socialização- estes requisitos à arte e que tenham determinado gosto pela arte. Como VIGOSTIKI, na sua teoria histórico-cultural coloca, que as formações psíquicas superiores se originam através das relações sociais entre sujeito e meio social e na organização dos grupos humanos mediados pela linguagem. Assim sendo é por meio desses signos que o ser humano vai desenvolvendo e transformando sua aprendizagem.

Atualmente esses utensílios “artísticos” são produzidos, principalmente para a comercialização e troca, passando a representar importante fonte de renda e sustentabilidade das comunidades. Esta é uma atividade em que todas as pessoas da família participam, sendo marcante a presença das crianças em todas as fases do processo desde a identificação da retirada da matéria prima, o tratamento, o armazenamento e a pintura, a confecção das variadas peças até a venda em diferentes cidades, a arte para os Kaingang, faz parte da vida e suscita muitas aprendizagens. (Menezes, Bernardino, Chaves e Faustino 2013 p. 94).

O ensino da arte como sabemos, só foi instituído no Brasil na década de 1970 pela lei 5692/71 e mantida após a constituição de 1988, pela LBD no seu artigo 26 § 2º **“**O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010). No entanto formação para o ensino ainda é pouco difundida e valorizada e a disciplina acaba sendo preconizada no ambiente escolar.

[...] Porém, analisando a formação do professor, a ausência quase total de matérias e de apoio adequado e de pesquisa, constata-se que tal formação não é devidamente valorizada nas instituições educativas[...] essa situação se agrava nas escolas indígenas por uma série de fatores. [...] As desigualdades sociais pela sociedade capitalista, a expropriação das terras e riquezas, a acumulação e exploração do trabalho, provocam diferenças na sociedade e no ambiente. (Menezes, Bernardino, Chaves e Faustino, 2013 p. 93 - 97).

A criança em pleno desenvolvimento ela vai internalizando o que estra posto no ambiente dentro de si, e assim cada conceito deve ter sua lógica socialmente construído, no qual toda atividade que se é passada no ambiente escolar não estar desligada das condições de mundo e do contexto social que vivem. Podemos destacar o papel da escola para os povos indígenas, cada etnias tem sua forma de transmitir a educação, pois cada uma transmite através da sua vivencia no grupo, a escola para eles é o lugar de analisar diversas questões sócias impostas pela sociedade, que são vista e desconhecida para eles é um lugar onde as culturas possa se expressar e dialogar entre si, transmitindo conhecimentos.

 Ao analisar as artes indígenas estamos observando culturas de povos com um grau riquíssimo de conhecimentos e tradições, uma das áreas que estuda essa cultura é a Antropologia que, ao longo dos tempos sofreu grandes transformações principalmente nas definições de determinados conceitos, talvez o principal deles é o conceito de cultura o qual é fundamental para realizar análises sobre as sociedades. No que se refere às artes indígenas, segundo o artigo de (Silva e Olive[200-] p. 02) “alguns teóricos analisavam a arte através de duas perspectivas: a museológica e a estética na qual a arte deveria responder determinados critérios e padrões”.

Uma das abordagens antropológicas sobre a arte foi feita por Albert Gell em “Art and Agency” (1998) na qual, segundo ele, indo de encontro as abordagens feitas anteriormente, que buscavam resposta na estética, semiótica da história da arte. Na perspectiva de Gell, a arte não pode ser analisada pelo viés estético, mas sim pela cultura a que pertence. Pois para os povos indígenas a confecção de sua arte e de suas pinturas corporais tem todo um significado cosmológico para sua cultura e deve ser reconhecido com arte própria de seu povo.

[...] Nessa lógica, “cultura” é um conjunto de símbolos: criação da espécie humana; é o que diferencia o homem de outros animais: o pensamento simbólico, a capacidade de figurar na mente, de projetar, é o que nos torna humanos. Como todos têm essa capacidade, todos têm cultura. (Sá, 2009 p. 3726,)

Para os professores que ministram a disciplina de arte, há várias formas diferentes de como pode ser vista e classificada uma obra de arte, como aborda (Sá 2009 p. 3728), em seu artigo “fato de os vasos gregos serem classificados como arte e os vasos indígenas como artesanatos[...] um dos critério de classificação convencional de ambas as manifestações é a sua utilidade”. Pois, quanto mais for trabalhado e detalhado o vaso, mais se aproxima de arte como são os vasos gregos, sendo que os vasos indígenas são belas obras de arte mas, têm sua função para qual é pensada ao ser produzida, ou seja, os vasos indígenas são produzidos para ter finalidade, como transportar agua, guardar mantimentos, por exemplo etc. isso, na perspectiva clássica de arte é um demérito à arte indígena.

Outra perspectiva antropológica que nos ajuda a observar as distinções e hierarquias criadas em torno das formas e tipos de artes está presente no mesmo artigo de (Sá 2009 p. 3729), ao citar Tassinari (1995) que afirma que, a diferença está na ideia de que os momentos ou as partes da vida social não podem ser entendidos isoladamente, mas só na totalidade cultural que se integram. Ou seja, cada cultura tem seu modo próprio pelo qual se desenvolve e é internalizada pelo seu grupo Dentro dela (a cultura em questão) há um conjunto de símbolos a serem entendidos e diferenciados por cada pertencente do mesmo. Para (Santos 2003, p.27 apud Sá 2009, p. 3729).

Essas duas maneiras de definir cultura permitiam distinguir sociedades *modernas* de sociedades *pré-modernas*: “[...] nas sociedades coincidentes com espaços nacionais e com territórios sob a autoridade do Estado, estruturalmente diferenciadas, as *modernas* [...] ‘têm’ cultura, e as outras sociedades, *pré-modernas* ou *orientais* [...] ‘são’ culturas”.

 Ao falar em cultura, vem essa contraposição entre “ter cultura e ser cultura”, como sabemos a cultura ela é adquirida com a vivencia em determinado grupo e na sociedade no qual nascemos e vivemos, quando falos em ter cultura falamos de grupo, que desfrutam do cinema, do teatro, participa de exposições etc. Mas com uma observação pessoas que não desfrutam desses mesmo ambiente não quer dizer que não tem cultura, pois cultura é adquirida ao longo de sua história de vida. O homem como sabemos é um ser cultural, por sua capacidade de fazer suas criações, suas manifestações culturais é um ser cultural por fazer parte de uma sociedade que tem seus costumes, crenças e valores que vão mundo de acordo os avanços sociais, é assim que ele se diferencias de outros serem existentes.

O ensino da arte na pós-modernidade requer um aprofundamento na sua discursão da formação filosófica pois abrange diferentes conceitos de cultura (com destaque as definições tidas como importantes para o currículo) e são esses diferentes aparatos culturais que vão gerar novos conhecimentos, segundo (Sá, 2009, p. 3731)

O ensino de arte no Brasil segue duas linhas, a primeira se orienta pelos cânones da modernidade e é calcada no criar artístico ou descobrir talentos[...] influenciada no fim do século XIX e na metade do século XX. [...] a segunda segue a formação do fruidor da arte pelo ensino da arte institucionalizada e crê que quanto mais forem os códigos estéticos, mais os alunos podem se expor, e maior será o entendimento dos discentes [...]

Perante o que já foi exposto, a escola que o mundo precisa, é uma escola neutra, democrática, que seja aberta a todas as ramificações e expressões da arte, valorizando não só a arte dita erudita, mas sim a arte como um todo, com toda a pluralidade que lhe é característica. Pondo em destaque os argumentos de Sá acima expostos, quanto a arte indígena, cada cultura tem seus ritos, suas tradições, suas formas de expressão, suas danças e seus significados próprios. E é desta forma que também ocorre com a arte indígena, e com todos os outros grupos mundo a fora, que tem suas particularidades, enfim, sua lógica própria e que devem ser valorizados e reconhecidos como tal.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em resumo, concluo que ainda há muito a ser discutido e analisado no que se refere ao ensino da arte e da temática indígena dentro das escolas brasileiras, há que se expandirem horizontes dentro da formação de professores para transmitir conhecimentos a seus alunos, temos imensuráveis riquezas, mas não as investigamos e nem lhe conferimos o devido valor.

 Há ainda uma defasagem muito grande de professores com formação em arte, o que dificulta ainda mais o seu ensino nas escolas tanto indígena como urbana, pois a profissão não é muito valorizada nas instituições educativas. A arte indígena busca facilitar o conhecimento dentro do grupo, principalmente para passar os conhecimentos para as crianças com mais facilidade, pois é através de suas pinturas, seus artesanatos, suas crenças que aprendem com mais facilidade tanto os saberes do seu povo como os dos outros e para observamos todos esse conhecimento, buscamos olhar a sua cultura como um todo e como ela é empregada dentro do ambiente escolar.

A arte é uma das disciplina no campo educacional, que pode demonstras grandes riquezas, e grande aprendizagem pra os alunos, mesmo com a defasagem que é imensa no ensino da arte ela tenta se manter viva pois o significado da arte não é só estético mais sim uma beleza que estar enraizada tanto no nosso passado como presente, podendo através dela levar povos e grupos buscarem seus valores e construírem sua verdadeira identidade.

O ensino da sociedade indígena através das sua arte é de forma engrandecedora para quem estar a aprende-lo, pois os povos indígenas eles trazem enraizados a arte como forma de vida, e que a muito tempo deixou de ser vista como uma expressão tão rica de conhecimento, mas como podemos ver na escolar os professor não dão a tenção, para o ensinamento da temática indígena, a não ser quando se tem data comemorativa, por isso que se tem uma grande defasagem no ensino de arte.

**REFERÊNCIAS**

BRASIL**, Lei de Diretrizes e B. Lei n° 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.**

MENEZES, Maria Christine Berdusco; BERNARDINO, Mariana Mendonça; CHAVES, Marta; FAUSTINO, Rosangela Celia. **A IMPORTÂNCIA DA ARTE PARA A APRENDIZAGEM E O DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA.** *Rev. Teoria e Prática da Educação, v. 16, n. 2, p. 89-103, Maio/Agosto 2013.*

 SÁ, Raquel Mello Salimeno de. **ENSINO DE ARTE NUMA VISÃO ANTROPOLÓGICA E SOCIOLÓGICA.** *18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Transversalidades nas Artes Visuais – 21 a 26/09/2009 - Salvador, Bahia.*

OLIVE, Monique Passos Leal; SILVA Patricia dos Santos. **ARTES INDÍGENAS NO ESPAÇO ESCOLAR: CONSTRUÇÃO E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL.** [200-] p. 1-5.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução n 9.394, de 1996. Fundamentada nos artigo 26. da Lei 11.645, de 10.03.2008. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 08/02/2017

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA: UM CONCEITO ANTROPOLÓGICO**. [200-] p. 01–04. *Disponível em:* <http://files.leieordemfacastelo.webnode.com.br/200000196-687a569742/cultura_um%20conceito%20antropol%C3%B3gico.pdf>

Acesso, 09/02/2017.